

Pós-graduação faz bonito

Com 56 programas de pós-graduação, a UFSC teve 18 cursos (32%) com conceitos elevados na última avaliação trienal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Engenharia Mecânica, Farmacologia e Química (que já contava com nota máxima) atingiram o conceito 7. Outros seis programas ficaram com 6, índice considerado de excelência

p. 5

Foto: Paulo Noronha



Impresso

99129-5/2002-DR/SC
UFSC

CORREIOS



Jornal Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Novembro de 2010 - Nº 414

9ª Sepex

A ciência legitimada

Novamente a Universidade montou na Praça da Cidadania, em frente à Reitoria, sua "tenda da ciência", com mais de 5 mil metros quadrados organizados para demonstrar ações de ensino, pesquisa e extensão.

Os trabalhos foram distribuídos em mais de 200 stands, nas áreas de educação, saúde, cultura, tecnologia, comunicação, meio ambiente, trabalho e direitos humanos

p. 8 e 9

Foto: Thaine Machado



Crianças da comunidade universitária e também de escolas da cidade invadiram a Sepex

A Universidade se rende ao talento de Silveira de Souza

A EdUFSC lançou: *28 Desaforismos* de Franz Kafka, traduzidos direto do alemão (coedição com a Bernúncia) e *Ecos no Porão* (volume I), seleção de 30 contos. "De repente percebo que

existe identidade entre a gente, a planta e os animais", defende o autor em reportagem e entrevista

p. 10

Ditadura

A música no cárcere

p. 7

Biodiversidade

JU conquista prêmio

p. 15

Memória

Mensageira da Ilha

p. 12

Gênero

Identidade reconhecida

p. 14

Virtual

UFSC economiza árvores

p. 6

Do Editor

50 anos à frente

“... o avanço da humanidade se deve aos homens insensatos”

O publicitário Nizan Guanaes, no artigo “Empreendedorismo de alto impacto”, comenta um ditado que se aplica perfeitamente às Universidades e aos seus dirigentes: “um homem sensato se adapta ao mundo, convive com a realidade, e o homem insensato se rebela contra os fatos”.

A sociedade requer uma universidade que espante a inércia e desafie a passividade. Seria essa a Universidade do Século XXI, “atuante, autônoma e ousada?” Uma Universidade sem papel?

O mundo vai adiante graças aos “homens insensatos” que não se acomodam à realidade. Ao abolir gradativamente o papel, a UFSC agiliza os trâmites burocráticos, opta pela sustentabilidade ambiental e dá de cara com a transparência administrativa.

O sistema administrativo online, tocado a seis mãos pelas equipes da Seplan, da Proinfra e da PRDHS, exige competência, eficiência e qualificação do serviço público oferecido à população pela UFSC. A cada árvore que deixa de ser cortada, a universidade multiplica a cidadania e expande a sua responsabilidade social.

A Universidade do Século XXI, que quer ser também livre, culta, democrática e plural, só logrará êxito através de uma mudança cultural radical.

Para isso acontecer, dependerá da insensatez e da ousadia dos seus dirigentes.

Assim, no próximo século a UFSC não será lembrada pelo recuo do ponto eletrônico, mas pelo avanço da transparência administrativa proporcionado via gestão online.

Administrar, portanto, é, muitas vezes, ombrar com os fatos. Esse papel a universidade pública não pode perder de vista! Além de inovar, é salutar, em nome da autonomia, rejeitar os pratos feitos impostos pelos inimigos da UFSC.



Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição

Moacir Loth

O Estado de Dilma. Com Dilma Rousseff eleita, de certa forma, a academia respira aliviada: a tendência é de que não cessem os investimentos na expansão das universidades federais e na Ciência, Tecnologia e Inovação, que, aparentemente, conquistaram status de Política de Estado no Governo Lula. Se a campanha foi realmente séria, educação, cultura e saúde passarão a gozar da mesma condição.

Falta de educação é pouco

O desrespeito à vaga para portadores de deficiência no estacionamento do Centro de Comunicação e Expressão já é caso de polícia. O servidor técnico-administrativo João Inácio está indignado e recomenda uma campanha permanente, já que o abuso é generalizado no campus.

Foto: Paulo Noronha



Enem aí. O Exame Nacional do Ensino Médio acertou no conteúdo, mas, infelizmente, voltou a pecar nos detalhes. Uma pena de dar dó!

Sepex. É quando a Universidade está fundida com a comunidade.

Inovação. Boitatá ralado no RU!

Oportunidade. A revista *Histórica Catarina*, editada por Cláudio Rodrigues da Silveira, tem aberto precioso espaço para pesquisas e livros da UFSC. Um exemplo está na edição nº 23, de setembro, que destaca o artigo “Desterro, uma ilha de leitura”, de Felipe Matos, doutorando de História. Contatos pelo e-mail: redacaohc@gmail.com

Pontos. Dia do Professor e do Servidor foram lembrados pela Administração Central com mensagens no DC e no *Notícias do Dia* e no site da UFSC.

Esperança. A greve na UnB garantiu a volta da URP (26,05%) dos servidores. É uma esperança para os professores da UFSC que tiveram o direito deceitado.

Na TV. Parceria com a *RIC-News*, através do programa Educação e Cidadania, tem rendido excelente divulgação à UFSC.

Reconhecimento. Revista *Com Ciência* destaca há várias edições pesquisas desenvolvidas pela UFSC sobre desastres naturais.

A UFSC está triste. No ano em que comemora 50 anos tem perdido também vidas preciosas. Agora mesmo partiram Adalberto Nienkotter, Mário César Bittencourt e Rita de Cássia Rocha.

Professor do Departamento de Ciências Contábeis, Adalberto foi diretor do Departamento de Material e Patrimônio; economista, Mário foi pró-reitor de Administração (ambos na Gestão do reitor Diomário de

Queiroz). E Rita, integrada às comemorações dos 50 anos, atuava como cerimonialista junto ao Departamento de Cultura e Eventos.

Rita de Cássia se dedicava às cerimônias realizadas no Centro de Eventos, como as formaturas e eventos de comemoração dos 50 anos da Universidade

Não se enganem! Só a mobilização da sociedade garantirá a vinculação de recursos do Pré-Sal à Educação e à CT&I, conforme prometeu o Governo Lula e reiterou a presidenta eleita durante toda a campanha.

Paredes pintadas. Trabalho de conclusão de curso no jornalismo da UFSC, o longa *Paredes Pintadas*, de Pedro Soares, conquistou menção honrosa no Prêmio Vladimir Herzog. O filme, que revela fotos inéditas da ditadura a partir de entrevistas com quatro revolucionários, há algum tempo ocupa a grade da *TV UFSC*.

Ele não é o cara. Em queda livre, Obama tem reprovação recorde (52% não querem que ele tente um segundo mandato). Enquanto por aqui, Lula anda nas nuvens, com avaliação positiva de 82%.

Cópia ou inspiração? No Campus temos a Universidade do Século XXI. Na Venezuela Chavez proclama o “Socialismo do Século XXI”.

Portal de Deus. Felipe Bächtold, formado pela UFSC, esteve na Ilha para elaborar uma reportagem especial (*Folha*, 19/10): “Principal cartão-postal de Florianópolis, a ponte Hercílio Luz, que liga a ilha ao continente, ficará sustentada sobre uma estrutura provisória em uma reforma orçada em cerca de R\$ 170 milhões”. A página é ilustrada com fotos e gráficos.

Ciências do mar. Edital do MCT confirma o que o ministro Sérgio Rezende anunciou na SBPC: os Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia para o Mar terão R\$ 30 milhões. Não parece uma bela oportunidade para a UFSC exercer a vocação de uma instituição sediada numa Ilha?

Alma privada. A grande novidade na educação superior brasileira é o nascimento do consórcio mineiro das universidades federais. A iniciativa começa a valer em 2011.

Contra a guilhotina. “Baixar a cabeça aos auditores é negar a história de nossa Instituição”. A frase faz parte do manifesto do Sintufsc contra o ponto eletrônico.

Frase

Somente com punição, por meio de leis mais rigorosas, e com campanhas de educação é que vamos conseguir formar um cidadão consciente (Mateus Monteiro Almeida Souza, 12 anos, aluno da 6ª série, vencedor do concurso de frases sobre desenvolvimento sustentável promovido pelo MCT na 21ª Bienal Internacional do Livro)

Foto: Divulgação



Memória

A aula magna do professor Madeira

No mesmo dia da instalação oficial da Universidade Federal de Santa Catarina, teve lugar manifestação lapidar de inteligência, a aula magna proferida pelo Professor Joaquim Madeira Neves.

Nascido na cidade do Porto, Portugal, imigrou ainda criança para o Brasil, acompanhando o pai que se estabeleceu no comércio de Florianópolis.

Formado em medicina pela Universidade do Rio de Janeiro, especializou-se em oftalmologia na Unicamp. Estudioso da Medicina Legal, veio a ser professor da matéria na tradicional Faculdade de Direito, e, mais tarde, na nascente Faculdade de Medicina. Indicado pelo Magnífico Reitor João Davi Ferreira Lima para proferir a primeira aula magna da UFSC, cumpriu a relevante missão com brilho invulgar, produzindo primorosa peça acadêmica. Na oportunidade, abordou com propriedade a tradição universitária através dos séculos, seu processo histórico – ideológico e mudanças na estrutura social.

Realçou a universidade como ambiente em que imperam a criação, avanços, planejamento, novas concepções, ideias originais, pesquisas técnicas. Identificou como funções da instituição o ensino, pesquisa, integração e extensão.

Ensino que transmite conhecimentos que permitem usufruir cultura geral e preparo para exercer corretamente uma profissão ou atividade de pesquisa.

Pesquisa, essencial em qualquer atividade intelectual, fonte de novas e provadas verdades, a exigir dedicação em tempo integral, sem prejuízo da atuação didática.

Integração, e não apenas agregação de faculdades distintas, visando o processo de organização em escalões sucessivos de grandeza e complexidade, dos elementos humanos e materiais existentes.

Expansão, atingindo as carências e aspirações das comunidades, às quais deve levar cultura e ciência, além do preparo para participação na dinâmica social, bem como a programação de cursos de aperfeiçoamento, pós-graduação, atualização e divulgação popular, com uso de rádio-emissora e televisão.

A primeira aula magna, que ora focalizamos, caracterizou-se como expressiva produção cultural, momento de brilho da inteligência, inspirada mensagem de fé no destino da universidade, que merece ser editada pela UFSC, para

distribuição a alunos e interessados, quando das festividades do cinquentenário, na condição de marco histórico e fonal a iluminar a trajetória das futuras gerações.

Permito-me encerrar essas considerações transcrevendo a prece, carregada de sentido e emoção, enunciada pelo eminente professor ao término da aula magna.

Excelentíssimas senhoras, meus Senhores

Conta-se ter sido tradição, nas velhas universidades, terminassem suas Assembleias por uma prece, na qual se rendessem graças pelo já alcançado e se pedissem favores para o que ainda restasse a fazer.

Nesta Primeira Assembleia Universitária, havendo participantes de todas as crenças e de todas as descrições, seria difícil uma motivação comum para conciliarmos, em oração, o nosso pensar e o nosso sentir.

Peço-vos, todavia, obedecendo à velha tradição, que todos juntos rezemos para que os povos de qualquer culto, raça ou nação possam ter satisfeitas as suas legítimas necessidades humanas; para que todos a quem falte liberdade possam experimentar suas bênçãos e seu conforto espiritual; para que quantos são insensíveis às súplicas e às carências dos outros, aprendam a caridade; para que os bens da natureza e os produzidos pela inteligência e pelo suor do homem não se transformem em fonte de domínio ou de exploração do mais pobre pelo mais rico; para que se dê mais amor ao próximo e menos amor a si mesmo; para que exista sempre pão em todas as bocas e luz em todos os corações; para que uma paz abonada pela força agregadora do respeito mútuo e do perfeito entendimento entre os povos garanta a sobrevivência da nossa espécie; para que, na Universidade Federal de Santa Catarina, haja, pelos séculos, ensino com grandeza, pesquisa com acuidade, integração com renúncia, extensão com amor pela gente e pela terra brasileira.

Que assim seja.

Henrique Prisco Paraíso

Professor titular aposentado do Departamento de Clínica Cirúrgica

A museologia revitalizada

A proposta de criação de um Núcleo de Estudos Museológicos tomou espaço na Universidade Federal de Santa Catarina em resposta aos vários pedidos de orientação, por parte das prefeituras municipais e fundações culturais quando da criação e instalação de um museu.

Destaque-se a liderança, a visão futurista e a persistência do museólogo Gelcy José Coelho (Peninha), então diretor do Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, que iniciou esse movimento.

A partir da constatação de que o Estado de Santa Catarina possui um importante patrimônio cultural retratado em acervos museológicos, com mais 180 unidades museológicas catalogadas na Fundação Catarinense de Cultura, com valiosos acervos nas áreas de arqueologia, etnologia, entomologia, arte sacra e história da ocupação do território catarinense distribuídos em instituições com características muito diversificadas o NEMU/UFSC se firmou como um projeto dinâmico e continuado.

Esses museus, instituições de memória, vão desde o pequeno conjunto de curiosidades reunidos em uma sala de aula desativada da escola até os grandes museus de caráter nacional organizados dentro das mais modernas técnicas de conservação e exposição. Entre estes extremos, encontramos museus de porte médio instalados em prédios históricos; pequenos museus municipais, acomodados em salas das prefeituras e casas de cultura; ou coleções particulares que evoluíram para museus abertos ao público. Encontramos trabalhando nestas instituições, pessoas que muitas vezes não possuíam qualificação técnica apropriada para desenvolver as atividades em um museu.

No dia 14 de março de 1997, por ocasião do Fórum de Dirigentes Culturais de Santa Catarina, realizado no Auditório do Centro de Convivência da UFSC, foi apresentada a proposta de criação de um núcleo de estudos. Aquela proposta foi apresentada pelo Museu Universitário “Professor Oswaldo Rodrigues Cabral” que, juntamente com representantes do Iphan/SC, Fundação Catarinense de Cultura, Fundação Cultural de Florianópolis “Franklin Cascaes”, do Museu Histórico de Lages, da Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac), da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), compuseram a Comissão Executiva que estudou e estruturou o Núcleo de Estudos Museológicos, para atender, principalmente, a necessidade de qualificação de profissionais que atuavam nos museus de Santa Catarina. Esteve presente naquela oportunidade a saudosa professora Maria de Nazaré de Matos Sanches, Pró-Reitora de

Francisco do Vale Pereira
Coordenador do NEMU/SeArte

Engenharia de Controle e Automação – 20 Anos

Vinte anos atrás, em 1990, adentrava à UFSC a primeira turma de acadêmicos do curso de Engenharia de Controle e Automação para receber uma formação de qualidade, numa habilitação da Engenharia até então inexistente no Brasil.

Imaginava-se à época que estes acadêmicos deveriam adquirir uma formação suficientemente abrangente para poder interagir com engenheiros de outras áreas e profissionais de computação, e ter uma ação integradora, característica de um engenheiro de sistemas, atuando na concepção, instalação, otimização e manutenção de unidades de produção industrial automatizadas ou a serem automatizadas.

Desde então a automação desen-

volveu-se aceleradamente em diversos setores industriais – dos processos petroquímicos aos robóticos, passando pelos clássicos processos elétricos e metal-mecânicos – e, ainda, ultrapassou o ambiente industrial para penetrar em muitos outros setores da sociedade como transportes, comércio, bancos, etc. Pela sua formação abrangente, o Engenheiro de Controle e Automação conseguiu adaptar-se facilmente a este novo cenário e contribuir nestas diversas áreas com seus conhecimentos em controle, automação e sistemas computacionais.

Nesses 20 anos muitas realizações importantes podem ser festejadas pelo curso, em particular a criação de quase uma centena de cursos similares

no Brasil e, sobretudo, a formação de quase 500 engenheiros, com perfil diferenciado, altamente disputados pelo mercado nacional e internacional.

No dia 24 de setembro celebramos os 20 anos de criação do curso com a certeza da importância e da atualidade da formação que ministramos e a visão que todos os atores que dele participam: professores, funcionários e estudantes dão o melhor de si para que o curso de Engenharia de Controle e Automação da UFSC seja hoje avaliado como curso de destaque no Brasil.

Augusto Humberto Bruciapaglia e Jean-Marie Farines

Professores do Departamento de Automação e Sistemas da UFSC

Foto: Carolina Dantas



Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores

Silêncio ao vírus dos camarões

Cláudia Mebs Nunes

Bolsista de Jornalismo na Agecom

Uma iniciativa pioneira no Brasil traz esperança para quem produz camarões em viveiros e enfrenta o problema da mancha branca. Há quase duas décadas descoberto no mundo e há cerca de seis anos no Brasil, o vírus deixa a carapaça dos camarões esbranquiçada e em poucos dias o animal morre. O prejuízo no mundo chega a R\$ 10 bilhões de dólares. A recomendação do governo e posterior decisão dos produtores é de isolamento e morte dos camarões infectados. Mas, desde janeiro de 2009, uma alternativa a essa situação vem sendo estudada na UFSC.

Desenvolvido a partir da dissertação de Cristhiane Guertler, junto ao Programa de Pós-Graduação em Aquicultura, o processo utiliza a técnica do RNA de interferência para "silenciar" o vírus. Os resultados não podiam ser melhores: mais de 70% dos camarões sobreviveram

nos experimentos e a maioria deixou de ser portador do WSSV (sigla em inglês para o vírus da síndrome da mancha branca).

"A dissertação de mestrado poderia ser uma tese de doutorado", destaca a professora do Departamento de Biologia Celular, Embriologia e Genética da UFSC, Luciane Maria Perazzolo, orientadora do trabalho que utiliza, pela primeira vez no Brasil, a técnica do RNA de interferência para ativar a defesa dos camarões contra o vírus da mancha branca.

Presente em todas as plantas e animais, o RNA de interferência é uma das defesas naturais do sistema imunológico. A descoberta do mecanismo, que permite "silenciar" genes com precisão, rendeu aos biólogos norte-americanos Andrew Fire e Craig Mello o Prêmio Nobel de Medicina de 2006. Nos invertebrados (caso dos crustáceos), o RNA de interferência tem uma importância ainda maior, já que esses animais não possuem um mecanismo de defesa adaptativo, portanto não podem ser vacinados.

Biossegurança

A fase experimental do estudo foi realizada no campus do Instituto Federal Catarinense, em Araquari, Norte do Estado, que segue normas de biossegurança e é autorizado a sediar estudos com desafio viral pelo Ministério da Ciência e Tecnologia. Durante o período de janeiro a outubro de 2009, a mestranda fez o trajeto Florianópolis-Araquari diariamente, com pausas quinzenais entre uma experiência e outra.

Nesse período, 300 camarões foram testados e os resultados comprovam os benefícios da técnica do RNA de interferência: 219 sobreviveram e, destes, 80% não apresentaram mais o vírus da mancha branca.

O estudo foi todo realizado no país, mas teve uma ajuda fundamental do México. Há cinco

anos, um trabalho experimental nos Estados Unidos demonstrou que o camarão possuía o RNA de interferência. Na época, a professora Luciane Maria Perazzolo não conhecia ninguém que trabalhasse com a técnica em Santa Catarina. Após um contato sem sucesso com o pesquisador que estava nos Estados Unidos, Luciane soube de outro trabalho que estava sendo desenvolvido na mesma área, mas no México.

A resposta não tardou e o professor Claudio Humberto Mejía-Ruiz veio para Florianópolis, onde ficou vinte dias ensinando a técnica do RNA de interferência ao grupo. "Se tivéssemos conseguido uma parceria com o professor que estava nos Estados Unidos, não dominaríamos a técnica, apenas a receberíamos pronta", considera a pesquisadora.



Para a pesquisa, foram testados 300 camarões: 219 sobreviveram, e 80% deles não apresentaram mais o vírus da mancha branca, o que comprovou o benefício da técnica de RNA de transferência

Continuidade

Depois da defesa de dissertação de Cristhiane Guertler (a apresentação foi em maio), as pesquisas continuam. Um projeto foi recentemente submetido à Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e, se for aprovado, o Laboratório de Imunologia Aplicada à Aquicultura poderá ampliar as análises e adquirir um aparelho que acompanha em tempo real a etapa de expressão dos genes de defesa antiviral do camarão.

A meta é também expandir o projeto para utilização mais prática, além do laboratório. Por enquanto, não é viável submeter um lote inteiro de camarões de cultivo à técnica antiviral, uma vez que cada animal teria que receber a injeção com o RNA dupla fita. Entretanto, a ação poderia ser feita com os camarões usados para reprodução.

"Queremos ampliar o projeto para sua aplicação no Nordeste, onde se encontra a maior produção de camarões de cultivo do Brasil e onde existe

outra importante virose, a mionecrose infecciosa", informa Luciane. Outra questão seria uma possível aplicação oral do RNA dupla fita, que facilitaria o trabalho em larga escala. Mas neste caso surgem novos desafios, pois o sistema digestivo do animal pode degradar a estrutura.

Para a equipe, os resultados confirmam o potencial dessa técnica no combate de viroses, inclusive aquelas que atacam o ser humano. Em vários países já se verifica a possibilidade de utilizar a técnica com o vírus da AIDS, entre outros. Todas estas novas frentes de trabalho reforçam a importância do trabalho desenvolvido por Cristhiane, que assim como apenas outros três pós-graduandos brasileiros foi selecionada para participar do IV Curso de Introdução à Interferência por RNA (RNAi) e microRNAs, da Universidade de São Paulo (USP).

Inf.: (48) 3721-5528 / 3721-8951/ luciane@ccb.ufsc.br/ cristhianeguertler@yahoo.com.br

Sistema antiviral

No Laboratório de Imunologia Aplicada à Aquicultura (LIAA) da UFSC foram realizadas as etapas iniciais do estudo para combater a mancha branca. Cristhiane produziu um RNA dupla fita com uma sequência homóloga ao gene que codifica uma proteína específica do vírus WSSV, chamada de VP28. Usualmente, organismos eucariontes (aqueles que têm células complexas) não possuem RNAs dupla fita de cadeia longa, sendo, contudo, moléculas padrão encontradas durante a replicação de muitos vírus. Assim, quando essa estrutura foi injetada no camarão, a resposta do seu organismo foi reconhecer essa composição como estranha e ativar o sistema antiviral chamado de RNA de interferência (RNAi).

O passo seguinte do experimento foi injetar o vírus da mancha branca no camarão. Quando isso ocorreu, os complexos enzimáticos do sistema RNAi se encarregaram de degradar a proteína do vírus, impedindo sua síntese. Assim, a formação de novas partículas virais ficou comprometida e a infecção regrediu até desaparecer nos crustáceos. Cristhiane explica que a carga viral da infecção foi propositalmente alta, para melhor avaliar a eficácia do método preventivo. "Todos aqueles que só foram infectados com o vírus, sem receber a injeção com o RNA dupla fita, morreram em cinco dias", conta a pesquisadora.

A espécie de camarão utilizada para a pesquisa foi a Litopenaeus vannamei, por ser a mais cultivada no mundo, inclusive no Brasil. A morte rápida dessa espécie, em 85% das fazendas catarinenses de cultivo, surpreendeu os carcinicultores que nunca tinham sofrido os prejuízos da síndrome da mancha branca. O vírus apareceu em novembro de 2004, na cidade de Laguna, e acarretou em um prejuízo que chegou a R\$6 milhões, em todo o Estado. Foi por esses acontecimentos que Cristhiane não realizou a parte experimental de sua dissertação em Florianópolis. "Não se pode fazer a infecção do animal em um lugar que possua mar".

Programas de pós-graduação melhoram em 32%

Farmacologia, Engenharia Mecânica e Química da UFSC receberam nota máxima da Capes

Arley Reis

Jornalista na Agecom

Com 56 programas de pós-graduação, a Universidade Federal de Santa Catarina teve 18 cursos (32%) com conceitos elevados na última avaliação trienal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Engenharia Mecânica, Farmacologia e Química (que já contava com nota máxima) atingiram o conceito 7. Outros seis programas ficaram com 6, índice considerado de excelência: Ciência e Engenharia de Materiais; Direito; Engenharia Elétrica; Engenharia Química, Linguística e Recursos Genéticos Vegetais (veja abaixo).

Além disso, houve uma redução de quatro cursos no conceito 3 (portanto, na avaliação passada, a universidade tinha 11 notas 3, agora são sete). Quatro cursos (7%) tiveram suas notas reduzidas: Educação; Engenharia Ambiental; Estudos da Tradução e Odontologia. Nenhum curso ficou com nota 1 ou 2, que leva ao descredenciamento.

"A avaliação que a UFSC alcança é bastante positiva, fruto de um trabalho intenso", comemora o professor José Antônio Bellini da Cunha Neto, diretor do Departamento de Acompanhamento de Programas, ligado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFSC.

Ele lembra que poucos países do mundo têm um pro-

cesso de avaliação do ensino de pós-graduação como o Brasil, realizado por pares (professores da mesma área, das diferentes regiões e instituições). Critérios como qualificação do corpo docente, produção científica, número de teses e dissertações defendidas e infraestrutura, entre outros, são adotados na avaliação da Capes.

A análise é realizada a cada três anos, com atribuição de notas que vão de 1 a 7. Os conceitos 1 e 2 descredenciam o programa; 3 significa desempenho regular, atendendo ao padrão mínimo de qualidade; 4 é considerado um bom desempenho; e 5 significa muito bom nível. As notas 6 e 7 indicam desempenho equivalente ao alto padrão internacional.

Este ano foram avaliados 2.718 programas, que correspondem a 4.099 cursos de mestrado acadêmico, mestrado profissional e doutorado. Somente 4,1% (112 programas) receberam a nota máxima. No total avaliado, 75 cursos (2,1%) não alcançaram a nota mínima.

De acordo com dados da Capes, o Sul é a segunda maior região em quantidade de cursos (810 dos 4.099), ficando atrás apenas do Sudeste. São 494 cursos de mestrado acadêmico, 48 de mestrado profissional e 268 de doutorado, que representam 19,8% do total do país. Também é a segunda maior porcentagem de cursos de excelência. Dos 810 cursos, 91 (11%) receberam notas 6 ou 7.



Foto: Thaine Machado

A análise, que é feita a cada três anos, atribui notas de 1 a 7; a nota máxima indica desempenho equivalente ao alto padrão internacional, como é o caso dos cursos de Farmacologia (foto), Engenharia Mecânica e Química

A avaliação*

Conceitos mantidos

Química (M/D) **7 → 7**

Direito (M/D) e Engenharia Elétrica (M/D) **6 → 6**

Antropologia Social (M/D), Aquicultura (M/D), Ed. Científica e Tecnológica (M/D), Ed. Física (M/D), Engenharia Civil (M/D), Engenharia de Alimentos (M/D), Engenharia de Aut. e Sistemas (M/D), Física (M/D), Interdisc. em Ciências Humanas (D), Letras/Inglês e Lit. Corresp. (M/D), Sociologia Política (M/D), Literatura (M/D) e Psicologia (M/D) **5 → 5**

Administração (M/D), Arquitetura e Urbanismo (M/D), Biologia Celular e do Desenvol. (M/D), Bioquímica (M/D), Ciências Médicas (M/D), Ecologia (M), Economia (M), Farmácia (M/D), Geografia (M/D), Matemática e Computação Cient. (M), Neurociências (M/D) e Serviço Social (M) **4 → 4**

Agroecossistemas (M/D), Biologia Vegetal (M), Design e Expressão Gráfica (M), Metrologia (M), Nutrição (M) e Urbanismo, História e Arq. da Cidade (M) **3 → 3**

Conceitos elevados

Ciência da Computação (M), Ciência da Informação (M), Contabilidade (M), Jornalismo (M) e Eng. de Produção (M/D) **3 → 4**

Biotecnologia (M/D), Ciência dos Alimentos (M/D), Enfermagem (M/D), Eng. e Gestão do Conhecimento (M/D), Filosofia (M/D), História (M/D) e Saúde Coletiva (M/D) **4 → 5**

Ciência e Eng. de Materiais (M/D), Eng. Química (M/D), Linguística (M/D) e Recursos Genéticos Vegetais (M/D) **5 → 6**

Eng. Mecânica (M/D) e Farmacologia (M/D) **6 → 7**

Conceitos reduzidos

Educação (M/D), Engenharia Ambiental (M/D) e Estudos da Tradução (M/D) **5 → 4**

Odontologia (M/D) **4 → 3**

Foto: Rodolfo Conceição



Engenharia Mecânica passou do conceito 6 para o 7

Foto: Thaine Machado



Engenharia Química alcançou nota 6, subindo um ponto em relação à última avaliação

*Os primeiros conceitos se referem à avaliação realizada pela Capes no período de 2004-2006, e o segundo, de 2007-2009; M= Mestrado; D=Doutorado

Universidade sem papel amplia transparência

Além de economizar árvores, programa online agiliza processos, reforça transparência e enseja mudança cultural



Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

A Universidade Federal de Santa Catarina deu início a uma verdadeira revolução nas relações entre sua administração central, pró-reitorias, secretarias, centros, departamentos, cursos e setores. A partir de um investimento de R\$ 1,5 milhão, a campanha “UFSC sem Papel” quer substituir o papel pelo meio eletrônico na expedição de memorandos, nos procedimentos internos e nos processos envolvendo todas as instâncias administrativas da instituição. A previsão é de que o investimento no sistema se pagará em seis meses.

O projeto foi lançado na sala do reitor Alvaro Toubes Prata, que enviou um memorando aos servidores da UFSC pelo Sistema de Controle de Processos Administrativos Digitais. O ato, simbolicamente, marcou o início de uma mudança cultural na instituição, que paulatinamente vai trocar o uso do papel pela digitalização de documentos. A campanha tem o objetivo de “sensibilizar a comunidade universitária diante dos propósitos de sustentabilidade, transparência e integração em rede que possibilitam a implantação dos sistemas de gestão digitais que estão sendo implantados na UFSC”. O ato simbólico foi prestigiado também pelo vice-reitor, pelos pró-reitores, secretários, diretores administrativos e chefe de Gabinete.

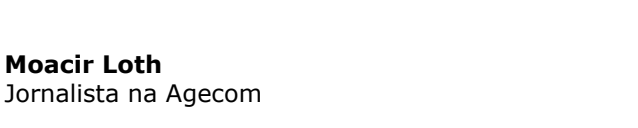
Luiz Alberton, secretário de Planejamento e Finanças (Seplan), explicou como o sistema será implantado. “O processo é gradual, pois exige uma mudança de comportamento”. A previsão é que em 2011 estará funcionando plenamente. A tarefa, considerada árdua, está a cargo das equipes da Seplan e da Proinfra. “O projeto resolverá gargalos e agregará valor à administração da Instituição, demandando uma atualização da legislação interna”, completou.

Quase mil árvores

Em 2009, a UFSC usou 13.388 resmas de papel. São quase 6,7 milhões de folhas A4 utilizadas em memorandos e processos, que equivalem a 33,7 toneladas de celulose. Para isso seriam necessários 127 metros cúbicos de madeira, que resultam do corte de 924 árvores com mais de sete anos de vida. Nessa conta não estão incluídos os outros usos de papel A4, como as cópias e impressos de livros.

Fonte: UFSC, 2009

Parceria com a Fapeu faz história



O papel importante desempenhado pela Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão Universitária (Fapeu) para tornar a UFSC uma das melhores universidades do País e da América Latina foi comemorado em outubro, na solenidade alusiva aos 33 anos da Fundação.

Prestigiada por pró-reitores e diretores da UFSC e dirigentes e funcionários da Fapeu,a solenidade foi conduzida pelo diretor administrativo Gilberto Vieira Ângelo, que representou o superintendente geral Pedro da Costa Araújo, ausente por motivo de viagem.

Para marcar a parceria histórica com a fundação de apoio, o representante do reitor Alvaro Prata, o pró-reitor de Assuntos Estudantis (PRAE), Cláudio Amante, recebeu, em nome da Reitoria, uma placa comemorativa aos 50 anos da UFSC.

O diretor administrativo ressaltou não só a contribuição científica e tecnológica da Universidade, mas também frisou o seu significado na vida e no cotidiano das pessoas. “O destino de muitos de nós está associado à existência da UFSC”, sintetizou Gilberto Vieira Ângelo.

O presidente do Conselho Curador, Ermes Tadeu Zapelini, postado ao lado dos diretores e demais conselheiros, assinalou que a Fapeu sente-se participe do sucesso da UFSC. “Quando cumprimentamos a Universidade, na

Para o reitor Alvaro Prata, o programa “significa um processo a mais em direção à universidade que queremos no século XXI, uma instituição ágil, desburocratizada e preocupada com as questões de sustentabilidade ambiental, com a eficiência administrativa e com a transparência”.

“Vamos ganhar em transparência e agilidade, reduzir as despesas e promover um avanço considerável na instituição”, defende o pró-reitor de Infraestrutura (Proinfra) da UFSC, João Batista Furtuoso. “Muitas vezes, o documento em papel demora um dia para chegar ao destino, o que deixa de acontecer com o meio eletrônico. Agora, será possível enviar tudo em tempo real, acompanhar a tramitação e sobrar providências se houver algum tipo de empenramento. Também os pregões, que antes demandavam dezenas de folhas em papel, serão realizados eletronicamente”.

A Universidade treinou, até agora, cerca de 400 pessoas, que são usuárias diretas do sistema, por meio da Pró-Reitoria de Desenvolvimento Humano e Social. Foram desenvolvidos quatro sistemas de computação para atender as rotinas de tramitação de correspondências, solicitações, compras, almoxarifado e patrimônio. A estimativa é de que os sistemas vão ser operados, em média, por 500 pessoas, diariamente.

Furtuoso informa que os órgãos de controle externo, como a Controladoria Geral da União (CGU), terão facilitada a tarefa de acompanhar os processos internos da Universidade. Ele admite que poderá haver alguma rejeição, pelo hábito arraigado de utilizar papel em todos os procedimentos burocráticos, mas aposta no efeito dos treinamentos, que vão continuar, e nas reuniões com os demais pró-reitores, diretores de centro e chefes de departamento, a quem caberá a tarefa de difundir e estimular a utilização do sistema.



Essa economia se refletirá ainda na diminuição do uso de cartuchos de impressora, que também demandam recursos financeiros e naturais.

A implantação do sistema está dentro dos objetivos da Universidade do Século XXI, conjunto de metas criado pela atual administração da instituição imediatamente após a posse, em maio de 2008. O blog da campanha é ufscsempapel.paginas.ufsc.br.



Essa economia se refletirá ainda na diminuição do uso de cartuchos de impressora, que também demandam recursos financeiros e naturais.

A implantação do sistema está dentro dos objetivos da Universidade do Século XXI, conjunto de metas criado pela atual administração da instituição imediatamente após a posse, em maio de 2008. O blog da campanha é ufscsempapel.paginas.ufsc.br.



Amante, discursando em nome do reitor Alvaro Prata e do vice-reitor Carlos Alberto Justo da Silva (Paraná), enfatizou a participação das fundações de apoio no funcionamento e desenvolvimento das universidades. “A Fapeu é uma excelente fundação e é uma das responsáveis pela história vitoriosa da UFSC”.

Cláudio Amante, ao revelar a face social da instituição, referenciou a interiorização com a abertura dos campi de Araranguá, Curitibaanos e Joinville. “A UFSC tem a capacidade de mudar, transformar a realidade das cidades e dos cidadãos”.

Além do pró-reitor Cláudio Amante, prestigiou o evento o pró-reitor de Infraestrutura, João Batista Furtuoso. O pró-reitor de Desenvolvimento Humano e Social (PRDHS), Luiz Henrique Vieira Silva, foi representado por Cláudio Guedes. Já o professor Jorge Campagnolo compareceu no lugar da pró-reitora de Pesquisa e Extensão, Débora Peres Meneses.

A solenidade dos 33 anos da Fapeu contou ainda com a presença do presidente do Conselho Fiscal, professor Osvaldo Momm, do diretor geral da fundação, professor Cleo Nunes de Sousa, e da diretora financeira, professora Elizabete Simão Flausino.

Segundo salientou Gilberto Vieira Ângelo, a Fapeu está cumprindo rigorosamente a sua missão: “promover o desenvolvimento científico, tecnológico e social através do apoio à comunidade universitária da UFSC”.

A música contra a barbárie da ditadura

Na conferência ‘Música nas prisões da Ditadura’, a pesquisadora Lúcia Maria Sálvia Coelho valeu-se da condição de presa política, torturada e exilada para fazer de suas memórias do cárcere uma oportunidade de reflexão



Raquel Wandelli
Jornalista na SeCarte

No ano de 1971, atuava na prisão do Dops, em São Paulo, um sargento violonista que se unia clandestinamente aos presos nos momentos de liturgia musical. Num domingo, levou o violão escondido na lata de lixo e arriscou-se a acompanhar ao violão Carmenzita, presa política de voz extraordinária, no seu ritual de homenagem à hora do Ângelus. Os presos estavam todos em volta, como de costume, quando se ouviu o badalar do sino das seis horas no mesmo instante em que Carmenzita entoava Ave Maria no Morro, sob os acordes do violão militar. Todos os sonhos de democracia haviam sido cassados pelo AI-5. O horror e a tortura silenciavam os artistas e intelectuais nos cárceres da Ditadura Militar. Mas esse conjunto efêmero de circunstâncias coincidentes provocou uma emoção coletiva intensa, uma epifania entre seres de posições políticas opostas, em que a música foi capaz de suspender as trincheiras entre inimigos.

Esse e outros relatos inéditos que mostram o papel da música nas prisões das ditaduras na América Latina e no Brasil foram narrados na 62ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira do Progresso da Ciência (SBPC), realizada em agosto no campus da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal, pela pesquisadora Lúcia Maria Sálvia Coelho, da Universidade de Santa Marcelina (USM). Como no episódio da Ave-Maria, a própria conferência oportunizou momentos de epifania, quando uma plateia lotada, principalmente por jovens estudantes, sentados, ao chão ou de pé, encostados nas paredes, entouu os hinos de resistência gerados nos festivais de música da década de 70 e projetados pela palestrante. A emoção calma e a admiração pela herança político-cultural cumpriram o objetivo da pesquisadora de permitir que as novas gerações conheçam, através das artes, esses momentos de supressão das liberdades para que não se repitam.

Junto com as gravações o público acompanhou “Pra não dizer que não falei das flores”, “Porta

Estandarte” e “Disparada”, de Vandré, “Alegria, alegria”, de Caetano Veloso, “Domingo no parque”, de Gil, “Ponteio”, de Edu Lobo e outras canções menos conhecidas de Chico Buarque que, segundo a autora, foi o compositor mais cantado nas prisões. A medida que esclarecia o contexto político no qual essas canções foram produzidas dentro e fora das prisões, e circunstâncias que ela própria vivenciou, o significado das letras foi se revelando. “Pra que ninguém mais pense que ‘Apesar de você’ fala de uma briga de namorados”, diz Lúcia. Entoar esse samba de Chico era, segundo ela, reação de praxe aos abusos do poder e às atitudes de desrespeito aos direitos humanos no cárcere.

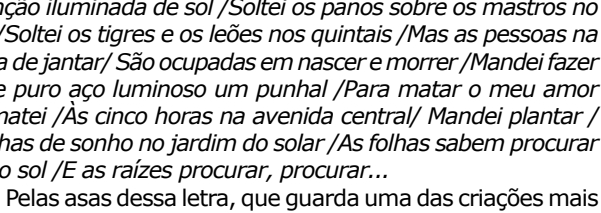
A pesquisadora integra há mais de 20 anos a Sociedade Científica de Estudos da Arte (CESA), fundada há 20 anos por um grupo de estudiosos agrupados em torno de Ruy Galvão de Andrada Coelho, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Na conferência Música nas prisões da Ditadura, valeu-se de sua experiência como presa política, torturada e exilada, ao lado do marido Ruy Galvão, para fazer de suas memórias do cárcere uma oportunidade de reflexão sobre o que pode a música representar para seres humanos em situação de limite e opressão política.

Ainda está longe de ser dito e ouvido tudo sobre a importância da música na superação do período da ditadura militar. Mais do que qualquer outra arte, a chamada canção de protesto representou para a sobrevivência dos presos políticos o que simbolicamente as narrativas das Mil e uma Noites significaram para Sherazade. Depois do AI-5, quando em nenhum outro lugar era possível se reunir, agir protestar, porque qualquer pessoa andando pela rua poderia ser sequestrada e encapuzada, encarcerada e torturada, ter sua casa invadida e seus filhos recolhidos para adoção, quando toda voz já havia sido calada, nos cárceres do regime de exceção os jovens ainda se arriscavam a cantar. E cantando perfaziam no cotidiano das grades, como mostra a conferencista, um ritual de celebração à luta política, à solidariedade na dor, à comunhão de almas, à alegria também e até à carnavaliza-

Fonte: UFSC, 2010

O canto e a imaginação traziam alegria às celas

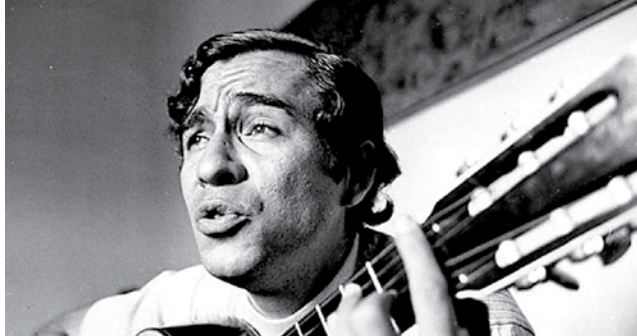
A pesquisa aponta ainda que as músicas populares quando cantadas também serviam como forma de evasão e ponte para lembranças dos momentos de liberdade: Um dos relatos mais emblemáticos trazidos por Lúcia é o vivenciado por Iara Seixas, presa política, hoje professora universitária, que conseguiu espionar através de uma janela da Oban a sala de uma casa vizinha onde os moradores estavam à mesa comendo e conversando. A imagem espiada de uma família de classe alta jantando ao lado de uma prisão e alheia aos gritos de dor que emanavam da câmara de tortura, misturada à memória de sua própria vida em família, arrebatou-a de modo muito forte e evocou a música de Caetano Veloso e Gilberto Gil “Panis et Circensis” cantada pelos Mutantes. *Eu quis cantar/Minha canção iluminada de sol /Soltei os panos sobre os mastros no ar /Soltei os tigres e os leões nos quintais /Mas as pessoas na sala de jantar/ São ocupadas em nascer e morrer /Mandei fazer /De puro aço luminoso um punhal /Para matar o meu amor e matei /As cinco horas na avenida central/ Mandei plantar / Folhas de sonho no jardim do solar /As folhas sabem procurar pelo sol /E as raízes procurar, procurar...*



Pelas asas dessa letra, que guarda uma das criações mais



MPB-4 com Chico Buarque (ao centro); Geraldo Vandré; Maria Bethânia, Caetano, Gal e Gilberto Gil: músicas também humanizam o desumano



MPB-4 com Chico Buarque (ao centro); Geraldo Vandré; Maria Bethânia, Caetano, Gal e Gilberto Gil: músicas também humanizam o desumano

ção das diferenças, como no exemplo da Ave-Maria.

“Já estávamos presos mesmo”, diz com um sorriso nos lábios Lúcia Coelho, que consegue com humor e afeto histórico lembrar a tragédia pessoal que viveu em três meses de prisão pelo circuito Dops, Operação Bandeirante (Oban) ou prisão da Tiradentes, além de um ano de cárcere domiciliar e mais dois anos de exílio na França. Seu trabalho conta com a contribuição do filho Sérgio Coelho, professor universitário e estudioso de Teatro.

A solidariedade estabelecida pelos prisioneiros, que cantam juntos nas celas do Dops, constituía uma das mais importantes funções da música nesse período, explica Lúcia. Iniciava no fim do dia, seguindo um repertório escolhido ao acaso, mas sempre se encerrava com a canção Boa Noite, composta na prisão por Marily Bezerra, membro da Polop, torturada e morta nos porões da ditadura: *Boa Noite/Diga apenas Boa Noite/Saia ao menos à janela/Para ouvir o meu cantar/ Companheiros/Confiança no Futuro/ Que um dia nós faremos/Uma manhã cheia de sol*.

Na sequência, os presos entoavam a Internacional Comunista e concluíam com uma corrente de boa noites, que iniciava na cela feminina nº 3. “Cada noite, uma de nós ficava encarregada de gritar: Boa noite cela 6! E os prisioneiros da cela 6 respondiam: Boa noite!, e assim por diante, até chegar ao fundo”. O fundo era a cela de isolamento, no fundo do corredor, onde não entrava luz. Havia espaço apenas para um colchão e uma privada, bem aos pés do leito. Esse rito musical raramente era reprimido pelos carcereiros do Dops, a exceção dos ligados ao delegado Fleury. Mas a maioria não apenas permitia como às vezes participava do canto.



Foi a ordem que ele deu...

Com a marchinha, acompanhada por uma flauta doce, as prisioneiras da Tiradentes lamentaram a morte de Lamarca, mas também anunciaram que o bloco prosseguiria a luta, cumprindo a vontade do guerrilheiro. E “Suíte do pescador”, de Dorival Caymmi, aparentemente uma doce canção do mar, composta na prisão, funcionava como um hino de celebração à vida em homenagem aos companheiros que partiam do cárcere e podiam vislumbrar novas perspectivas. *Minha jangada vai sair pro mar/ Vou trabalhar, meu bem querer /Se Deus quiser quando eu voltar do mar/Um peixe bom eu vou trazer/ Meus companheiros também vão voltar/ E a Deus do céu vamos agradecer...*

Desse modo imaginativo a música na prisão cumpre funções que vão além da comunicação de uma aspiração ideológica, conclui Lúcia. Ao modo brasileiro, as canções rompiam o padrão de medo e barbárie do universo carcerário, embalavam e acalentavam os companheiros após as sessões de tortura. E sobretudo introduziam na rotina dos porões da guerra política a solidariedade, a alegria e o conforto para a dor, humanizando o que foi condenado ao desumano **(R.W.)**.



MPB-4 com Chico Buarque (ao centro); Geraldo Vandré; Maria Bethânia, Caetano, Gal e Gilberto Gil: músicas também humanizam o desumano

A cidadania vai ao campus

A ciência, que descortina o mundo e encanta, lotou os corredores da Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC

Arley Reis

Jornalista na Agecom

No ano em que chega a seu cinquentenário, a jovem UFSC mais uma vez lotou os corredores da Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão. Em cerca de 200 estandes, organizadores em 5 mil metros quadrados em frente à Reitoria, apresentou à comunidade uma mostra da diversidade e riqueza que conquistou.

Na nona edição de sua Sepex, mostrou como cresceu, divulgando seus 82 cursos de graduação, e como estão os novos campi de Joinville, Araranguá e Curitiba. Exemplificou como está envolvida com a educação e também a saúde, a cidade, o país, os movimentos sociais, a preocupação ambiental, a cultura.

Demonstrou como avança na pesquisa, com equipes falando sobre pesquisas de ponta, como os estudos com

células-tronco, energia solar, aplicações da química na medicina e investigações no campo da refrigeração e termofísica. E como está preocupada em levar para a prática o que é estudado em suas salas e laboratórios, com divulgação de centenas de ações de extensão, da prática jurídica à difusão de tecnologias de saneamento básico.

Centenas de projetos, setores, iniciativas estiveram à disposição da curiosidade dos visitantes – a grande maioria

estudantes das escolas de Florianópolis – e presença também marcante dos integrantes, colaboradores, simpatizantes e visitantes do Núcleo de Estudos da Terceira Idade. Ao final da “festa da ciência”, a equipe ganhou o reconhecimento de estande mais interativo. A votação popular faz parte da Sepex desde o ano passado, proporcionando aos visitantes mais uma forma de interação com a universidade. A presença do público, dos 8 aos 80, é um presente à Universidade.

Tenda das mil ciências

Novamente a Universidade montou na Praça da Cidadania, em frente à Reitoria, sua “tenda da ciência”, com mais de 5 mil metros quadrados organizados para demonstrar ações de ensino, pesquisa e extensão.

Os trabalhos foram distribuídos em mais de 200 estandes, nas áreas de educação, saúde, cultura, tecnologia, comunicação, meio ambiente, trabalho e direitos humanos.



Feira de Inventores

Foram apresentados projetos de pesquisadores da universidade e também de inventores independentes. Para fazer parte da mostra os projetos devem possuir, obrigatoriamente, um pedido de depósito de patente junto ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI).



Parque Viva a Ciência

O Planetário, o Observatório Astronômico e o Parque Viva a Ciência estiveram presentes com equipes na lona principal da Sepex, para apresentar informações iniciais e mostrar ao público como fazer uma visita guiada.



Cientistas Mirins

Este ano a UFSC recebeu durante a Sepex a 5ª Feira Estadual de Ciências e Tecnologia, reunindo 73 trabalhos científicos nas categorias Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional.



Arte e cultura

Uma variada programação cultural, a presença de estandes do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Brasil Plural, da Editora, do Departamento Artístico Cultural, entre vários outros, e apresentações artísticas no palco da lona, enriqueceram o clima de divulgação científica.



Os mais populares

Desde o ano passado, duas “urnas eletrônicas” são colocadas à disposição do público para votar nos estandes da Semana de Ensino Pesquisa e Extensão. Os projetos da Feira do Inventor podem ser votados e são também avaliados por uma comissão técnica.

Estandes mais interativos: votação pelo público

- 1º – Núcleo de Estudos da Terceira Idade
- 2º – Projeto Aprendendo a Ler o Mundo
- 3º – Programa Iniciação Docente em Física
- 4º – Empresa Júnior Design
- 5º – Cuidado às Pessoas com Deficiência Física
- 6º – A Química em Nossa Casa

Fotos: Rafael L. Canoba/ Agência Ciência em Pauta



Estande do NETI foi considerado o mais interativo pelos visitantes

Feira do Inventor

Primeiro lugar voto popular:

- Protetor de cutículas

Primeiro lugar inventor independente, selecionado por júri técnico:

- Engate rápido para botijão de gás com válvula de segurança

Primeiro lugar inventor da UFSC, selecionado por júri técnico:

- Biomaterial composto celulose bacteriana-acemanana, processo de produção e uso do mesmo

Segundo lugar: processo e dispositivo de detecção de adulterantes em fluido

Terceiro lugar: cultivares

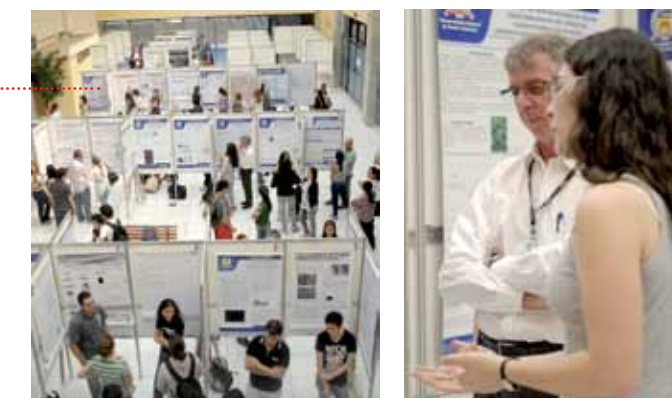
Quarto lugar: dispositivo para medição de tensões residuais com interferômetro e sistema de furação integrado



Inventores foram premiados em três categorias: voto popular, inventor independente e inventor da UFSC

Jovens pesquisadores

Ao lado da estrutura principal, no Centro de Cultura e Eventos, foram apresentados mais de 700 trabalhos de iniciação científica desenvolvidos por alunos de graduação, durante a vigésima edição do Seminário de Iniciação Científica. A partir do seminário, com mostra de painéis e apresentações orais, serão selecionados os Destaques da Iniciação Científica, que representarão a UFSC no evento nacional, durante a Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).



Ecoss do inumano no porão da memória literária

Silveira de Souza, tradutor e criador, teve noite kafkiana de duplo lançamento durante a 9ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão

Raquel Wandelli
Jornalista na SeCArte

Zonas de sombra, áreas de nebulosidade, penumbras, vultos, fantasmas... Humanos metamorfoseados em animais e insetos, seres híbridos, polimorfos, inumanos... Atmosfera misteriosa que revela a alma literária de um narrador em estado de permanente inquietude e assombro diante da vida, onde vagam personagens em luta eterna contra o esmagamento do indivíduo pelo meio... Esse universo de sonho e pesadelo, ecos e porões é o fio de Ariadne que guiou o escritor Silveira de Souza na seleção dos 30 contos reunidos em torno do primeiro volume da antologia *Ecoss no Porão*, que a Editora da UFSC lançou durante a 9ª Sepex.

E por uma coincidência mágica daquelas típicas da literatura de Borges, essa criação expressamente kafkiana é lançada junto com outra produção de Silveira: uma tradução de 28 aforismos do próprio Kafka, direto do original alemão. Menos famosos do que os romances e novelas de autor tcheco, mas não menos emblemáticos e de tradução ainda mais desafiante, os pequenos pensamentos poético-filosóficos receberam o título de *28 Desaforismos*, em coedição entre a EdUFSC e a Berrúncia Editora. Trata-se, como na antologia de contos, também de uma seleção, no caso, dos 109 Aporismen de Kafka, encontrados depois da morte do autor, alguns escritos a lápis. Desta vez Silveira guiou-se, segundo ele próprio, pelo critério da transgressão, espírito que pode ser sintetizado no fragmento 35 e toma sua obra um barco sem leme, de sentido impreciso e indomável: “Não existe nenhum possuir, somente um ser, somente um ser exigente até o último alento, até a asfixia”.

Traduzir é traír, diz o provérbio italiano — e é também criar. Ouvindo os ecos que chama de “deformações sonoras” das vozes de outros, deturpados pelo acento linguístico, Silveira trai e recria Kafka, “influência consciente e inconsciente”, desde a leitura de *O Processo*

Entrevista
“Não gosto de estórias contadas, com princípio, meio e fim”

Dorva Rezende
Assessor de Marketing da Editora da UFSC

Qual é a parte mais difícil da tarefa de selecionar os seus próprios contos para uma antologia pessoal?

Silveira de Souza - Selecionar textos literários me parece sempre um trabalho unilateral e arriscado. A confiança que um leitor possa ter em relação a esse tipo de trabalho, em geral resulta da confiança na experiência de leitura, no treinamento teórico formal e num já provado “gosto estético” do selecionador. No caso de *Ecoss no Porão*, em que os textos foram selecionados pelo seu autor, não houve alternativa: eu simplesmente não levei em conta cogitar a respeito de uma provável opinião de possíveis leitores, antes me aventurando num jogo exclusivamente pessoal, ou seja, o jogo óbvio e lógico de apostar nos relatos que: a) representassem na medida do possível aquilo que considero uma visão de mundo, através dos dramas individuais de alguns personagens; b) contivessem em seu corpo algo indefinido, que permitisse a um leitor ir de algum modo além desse corpo; e c) fossem escritos numa linguagem moderna, mas sem radicalismos desnecessários, talvez em respeito a uma “tradição” do gênero (conto) que me ofereceu alguns nomes que considerei luminosos durante a minha experiência de leitor.

ainda na adolescência. “As respostas não me interessam”, fala o tradutor, em entrevista. “O que eu persigo são as dúvidas”. E voltando aos pensamentos desaforados e deformados, porque inclassificáveis, encontramos em Kafka, “influência consciente e inconsciente”: “No passado eu não compreendia por que não encontrava respostas às minhas perguntas; hoje não compreendo como podia acreditar que pudesse perguntar. Entretanto eu não acreditava, perguntava somente”.

A insatisfação contra a violência exercida sobre o indivíduo pelos sistemas constituídos não é, contudo, monopólio de Kafka. Silveira lembra que outros autores que fazem da literatura o lugar da tensão e da incerteza, sobretudo os russos, como Dostoiévski, Gogol e Tchecov, foram movidos por essa questão e também o influenciaram, além da literatura fantástica de Borges, Cortázar e Edgar Allan Poe. Mas então, o que *Ecoss no Porão* e *28 Desaforismos*, Kafka e Silveira de Souza têm de mais forte em comum, além da angústia da influência dessa narrativa do início do século XX, assombrada e relutante contra o esmagamento do ser? Justamente no protesto contra a redução das possibilidades de existência a papéis rígidos e medíocres, a formatos físicos e psicológicos limitados e imutáveis, Silveira e Kafka vingam o ser em sua plenitude.

E por que vingam? Porque criam personagens híbridos, multiformes, pós-humanos, pós-morais, pós-gênero; com devir meio máquina, meio humano; meio humano, meio natureza, meio animal, prontos a virar rio, inseto, prensa, engrenagem, como já analisaram Deleuze e Guattari em *Capitalismo e Esquizofrenia*. Enfim, potencializam as possibilidades do sonho ou do pesadelo contra a clausura da vida burocrática ou da moral opressora, como em *O Cantochão* e *a Sombra* e os contos do livro *O Cavalo em Chamas*, de 1981, de longe os mais transgressores e marcantes da antologia, separada por datas de publicação, que vão da década de 60 a 80.

Na visão não-antropocêntrica de mundo

reside a grande originalidade de Silveira de Souza, nascido em 1933 em Florianópolis, conforme aponta seu editor, o diretor da EdUFSC Sérgio Medeiros, que o considera um dos melhores contistas da atualidade, apesar de pouco prestigiado em seu próprio Estado. Esse mundo de múltiplas possibilidades e devires pode ser vislumbrado por um ser que convive em condições de horizontalidade com seus “companheiros de ventre” (insetos, sapos, florestas, morcegos, pássaros): “(...) era tudo como a preparação para que gritos estridentes e longínquos (...) quisessem evidenciar suas existências como meus companheiros de ventre, aos quais nestas circunstâncias eu deveria forçosamente dedicar a minha atenção pelo simples fato de terem nascido como formas vivas e estarem ali como companheiros de ventre. ‘Meus terríveis irmãos’, eu pensei, ‘agora eu sei que eles são os meus terríveis e desesperados irmãos do mesmo ventre”.

A descaracterização do personagem antropomórfico em favor desse olhar descentrado de si mesmo para todas as formas de vida orgânicas e inorgânicas recoloca em cena uma questão que já estava aparentemente resolvida no século XX. Eis aí a grande contribuição ética e estética de Silveira: “Toda literatura e filosofia do século XX questionou o antropocentrismo, mas Silveira realiza uma proposta de existência em um cenário pós-humano, em vias de superação da imposição do homem como centro do universo”, explica Medeiros.

Nesse sentido, sua literatura tem um tom quase profético, como aponta o editor, à medida que se antecipa às proposições filosóficas de vanguarda sobre a integração do homem com todas as formas vivas, que já estava em Kafka, com suas metamorfoses, e em James Joyce, com seu homem-ovo-homem-todos, grávido de “companheiros de ventre”, em *Finnegans Wake*. O pensamento contemporâneo de François Lyotard, Mário Perriola, Deleuze, entre outros, evidenciam o atravessamento do humano por toda exis-

tência orgânica e inorgânica, o que inclui os seres, mas também os objetos. Nessa atualização do dilema anterior, o século XXI aponta que a compreensão da relação igualitária entre as formas vivas e não vivas suplanta todas as lutas políticas anteriores, estabelecidas em cima de confrontos dicotômicos de categorias sociais isoladas. Fala o escritor: - Sou muito interessado por literatura científica e tenho a percepção das coisas que estão ao nosso redor. De repente percebo que existe identidade entre a gente, a planta e os animais. Aho perfeitamente possível conversar com uma raposa, como fez Carlos Castañeda em um conto, assim como converso com meu cachorro e ele me responde. Parece surreal, mas é o aspecto mágico da realidade. Sempre se achou que o homem era a grande força entre os seres vivos e isso justificou todos os estados de opressão contra os animais, os gêneros, uma raça contra a outra, uma etnia contra a outra, uma classe contra a outra, o homem pelo homem. Hoje a ciência, principalmente a biologia, percebe que existem muitas aproximações entre o ser humano e outras formas vivas. Nós ainda desconhecemos muito do que habita o interior do ser humano.

Assim, na devastação das ideologias, dos sistemas, dos modelos antropocêntricos e narcisistas por devires homem-mulher-animal-natureza, Silveira e Kafka criam pontos de luz que nascem do paradoxo da escuridão e da falta de saídas: “Como se pode estar satisfeito com o mundo, a não ser quando nele se exile?”. E seria preciso evocar, além deste, um último desaforismo de Kafka, o de número 4, com seus outros ecos e porões: “Muitas sombras de gente já falecida ocupam-se somente em lamber as ondas do rio dos mortos, porque ele se origina de nós e conversa o gosto salgado de nossos mares. Então o rio, tomado de nojo, cria uma corrente contrária e empurra os mortos novamente à vida. Daí eles ficam felizes, entoam canções de agradecimento e acariciam o rio rebelde”.

através de configurações nem por isso menos irrefutavelmente reais e, portanto, sugestivamente significativas”.

Você diz que há nesses (des)aforismos algo indefinido que sugere luz e/ou devastação. O que existe de transgressor nesta escrita kafkiana?

Silveira de Souza - Kafka transgride as ideologias num século saturado de (muitas vezes violentas) ideologias, transgride o senso comum, a burocracia, o “politicamente correto”. Arrasa quase tudo em que você acredita (devastação) e sugere caminhos indefinidos para uma outra construção mental (luz?).



Opções nas diferentes áreas do conhecimento

Recentemente publicados pela Editora da UFSC, livros tratam do hábito de leitura, ciência formação e gênero

Artemio R. de Souza e Paulo Clóvis Schmitz
Jornalistas na Agecom

Com letras por todos os lados

Até 1830, sem iluminação, os moradores da cidade do Desterro pouco liam, pela dependência de lamparinas e das poucas coleções particulares que existiam na Ilha de Santa Catarina. Suspeita-se que até os vereadores eram iletrados, e os poucos volumes que chegavam tinham como conteúdo informações sobre agricultura e temas científicos de interesse restrito a uma minoria da população.

São nos avanços registrados a partir desse quadro desalentador que o pesquisador Felipe Matos concentra o levantamento que resultou no livro *Uma ilha de leitura – Notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros (1830-1950)*, publicado pela Editora da UFSC. O gabinete de leitura pioneiro surgiu em 1832, um ano após Jerônimo Coelho abrir *O Catharinense*, primeiro jornal editado no Estado. Por essa época, a cidade do Desterro tinha em torno de 7 mil habitantes, sendo 2.500 escravos e apenas 600 alfabetizados.

Proibidas até 1808, as tipografias se multiplicaram a partir da chegada da corte portuguesa ao Brasil. Em Santa Catarina, depois da iniciativa de Jerônimo Coelho, o grande passo foi a criação da Tipografia Provincial, destinada à impressão de peças e periódicos oficiais. A segunda metade do século XIX foi marcada pelo lançamento de muitos jornais, a maioria de caráter literário, entre os quais se podem citar *O Moleque*, editado por Cruz e Souza e Virgílio Várzea, e o primeiro diário, *O Argos da Província de Santa Catharina*.

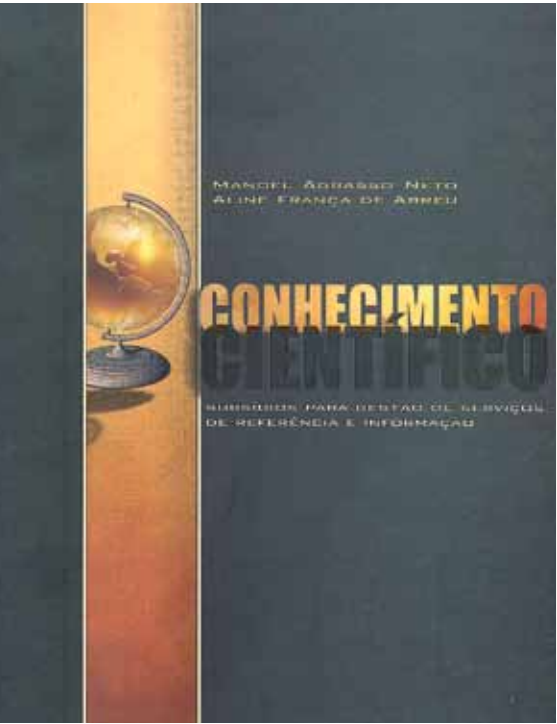
Há referências às tipografias que vieram com o século XX e ao trabalho feitos pelos imigrantes Paschoal Simone e Alberto Entres, que sofreram com as reações nacionalistas ocorridas durante as duas guerras mundiais. Com a morte dos dois estrangeiros, a era dos livreiros editores só voltou a aparecer com a fundação da editora e livraria Lunardelli, de Odilon Lunardelli, em 1972.



Conhecimento e comportamento científico

Conhecimento científico – subsídios para gestão de serviços de referência e informação (EdUFSC) é uma obra que contribui para a consolidação de um novo paradigma científico por fornecer subsídios para a gestão de serviços de referência e informação compatíveis com a nova realidade. Escrita por Manoel Agrassso Neto e Aline França de Abreu, seu modelo atende às peculiaridades dos grupos de pesquisa, mas é flexível e pode ser aplicado às organizações com características assemelhadas.

O livro mostra o comportamento informacional do cientista e fornece subsídios para o planejamento de serviços de referência e informação que atendam a esse perfil de usuário e suas demandas. É recomendado para as disciplinas Fontes de Informação e Recuperação da Informação, dos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação, e reflete uma década de experiência dos autores junto ao Núcleo de Estudos em Inovação, Gestão e Tecnologia da Informação da UFSC.

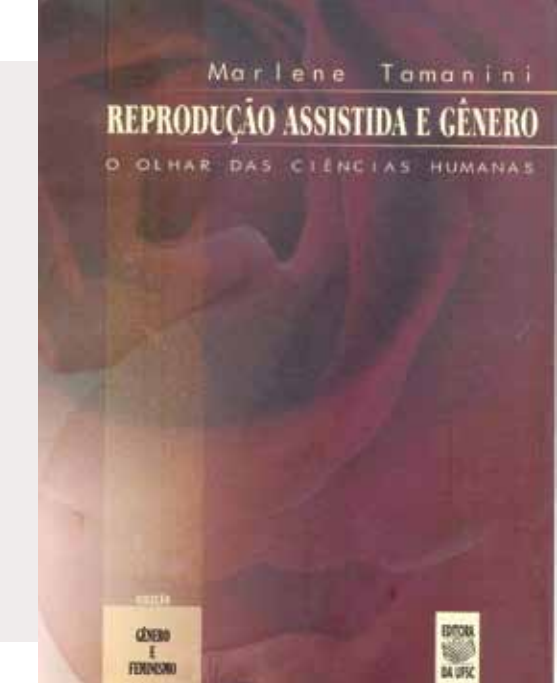


O currículo e suas possibilidades

Currículo: diversidade e formação (EdUFSC) aborda as dimensões de organização e realização de um currículo, passando pelo seu âmbito social e político e pela aprendizagem dos alunos. A obra, organizada por Diana Carvalho de Carvalho, Beleni Salete Grando e Mariluce Bittae, analisa três eixos acerca do tema: currículo e conhecimento, currículo e formação docente e currículo, diversidade e possibilidades formativas. As organizadoras reuniram estudos de professores e pesquisadores de todo o país com a intenção de socializar e enriquecer debates através da pluralidade e da singularidade de cada região a respeito de temas diversos enraizados no tema central. São contribuições que pensam propostas alternativas curriculares que atendam ao interesse da educação, dos educadores, dos formadores, das escolas, dos estudantes e da comunidade escolar.

Reprodução assistida e gênero

Inseminação artificial, fertilização in vitro, injeção de espermatozóides e doação de óvulos são temas que geraram debates acalorados em que a ética está implicada. É nesse contexto que o livro *Reprodução assistida e gênero – O olhar das ciências humanas*, de Marlene Tamanini (EdUFSC) contribui para a reflexão sobre a complexidade dessa situação, através das representações de casais heterossexuais que buscam a reprodução assistida e de médicos que proporcionam o tratamento da infertilidade, sobre maternidade, paternidade e filiação. Segundo a professora Luzinete Simões Minella, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, “essa contribuição tem um caráter inovador na medida em que a interpretação das heterogeneidades enunciativas problematiza as relações entre a natureza e a tecnologia, perscrutando os fatores socioculturais que condicionam a necessidade de ter filhos do próprio sangue, apontando para o caráter ambíguo do avanço científico e para a incerteza da ciência a respeito dos resultados das tecnologias”.



Diagramação: Carolina Dantas

A Mensageira das histórias de Florianópolis

Fotos: Paulo Noronha



Eunice: poesias, textos e pesquisas devolveram-lhe o gosto de viver

Pelas letras do caminho

O trabalho durante o dia não anulou a vontade de voltar a estudar. Se a Síndrome do Pânico tinha bloqueado todo o conhecimento que aprendera nos anos de escola, Eunice tratou de resolver o problema: cursou até a quinta série, através de um programa da prefeitura.

Mas foi depois de uma consulta, já no início deste ano, que Eunice passou por uma transformação. O desabafo com o psicólogo rendeu algumas lágrimas, mas também a perspectiva de retomada da escrita, logo no dia seguinte. “Antes de fazer o café da manhã, coloquei no papel tudo o que vinha na minha cabeça”. O próximo passo seria retomar os estudos, começados em 1995.

A escritora fez parte do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) da UFSC, mas agora mudou o trajeto de seu ônibus. A turma formada por adultos, no Sesc, é a nova companhia de Eunice, durante boa parte da tarde. Quando a professora anunciou, nas primeiras aulas, que os alunos poderiam escolher um tema para pesquisar, ela não hesitou: queria escrever sobre a Praça XV. “A turma, incluindo a professora, acreditava que a universidade já tinha feito pesquisas sobre a praça, mas não foi feito nada profundo sobre o local”, frisa Eunice, pasma pela falta de documentos.

“Eu amo a história de Florianópolis”. Parte desse amor é devido à lembrança do avô, que nasceu na cidade. E a pesquisa de Eunice fez jus à memória do militar e fazendeiro. No período de um mês, a senhora percorria a extensão da praça e parava as pessoas que passavam pelo ponto histórico. “A praça deve ou não ser cercada?” era a pergunta principal que fazia aos habitantes de Florianópolis. Além da pergunta, dois cadernos em espiral ajudavam Eunice a colher depoimentos dos entrevistados. As opiniões dos homens e mulheres renderam até uma poesia intitulada “A praça é do povo”, resposta negativa sobre a possibilidade de cercarem o local.

Não são apenas as pesquisas de opinião as únicas realizadas por dona Eunice. A Biblioteca Pública Estadual a recebe sempre que precisa de uma ajudinha dos livros. Quando visita o espaço, no centro, são no mínimo quatro horas entre livros antigos que trazam alguma informação sobre a

Nascida na Capital, Eunice Varella resgata as memórias da Ilha através de conversas e poesias

Claudia Mebs Nunes
Bolsista de Jornalismo na Agecom

São 13h30 e Eunice Varela chega ao Sesc de Florianópolis antes de começar suas pesquisas. “Eu estou com gana de estudar”, repete a senhora de 60 anos, quando lembra das atividades que têm ocupado seus dias, desde o início do ano. Foram as poesias, os textos e as pesquisas sobre a história da capital catarinense que fizeram Eunice voltar a ter alegria e “ser o que era antes”. Durante três horas, a senhora natural de Florianópolis utiliza o tempo das aulas no Sesc para fazer uma das coisas que mais gosta: ler e escrever.

A capa azul do livro de 1992, com a ilustração de um rosto de mulher, explica um pouco do que Eunice está retomando. “Cristina, onde está você?” é seu primeiro e único livro publicado. Santos foi a cidade escolhida para o lançamento da obra, que conta um drama familiar nas cidades Joinville e Florianópolis. “Eu tinha fã’s”, comprova a senhora, abrindo um jornal já envelhecido, mas não o suficiente para apagar os comentários do tamanho de anúncios. Os leitores gostaram do livro de Eunice.

Eunice não esperou por ninguém para ver sua história publicada, há 18 anos. Foi atrás do dinheiro necessário para ver os exemplares de seu livro distribuídos pelas livrarias e bibliotecas de várias cidades do país. Ainda hoje, morando no bairro Saco dos Limões, ela não deixou de ser pró-ativa, ainda

que muita coisa tenha sido esquecida por um longo tempo de sua vida.

Tudo começou com um assalto à mão armada, durante a viagem de lançamento de “Cristina, onde está você?”. “A imagem daquele homem não me saía da cabeça”, conta Eunice. Tamanho foi o choque que até o convite para jantar com o presidente da Mangueira foi deixado de lado; com 43 anos, a escritora desenvolveu a Síndrome do Pânico.

“As pessoas não conheciam a doença naquela época, achavam que eu estava ficando louca”. Desde 1970 morando em Santos, Eunice deixou do marido e resolveu partir. “Fiquei 20 dias entre rodoviárias. Saía de um ônibus, pegava outro”. Exceto as conversas rápidas com passageiros, a mala de viagem e um livro tornaram-se sua companhia.

Outra característica que Eunice não perdeu foi a vaidade. Os cabelos pretos, da raiz às pontas, indicam a pontualidade da senhora; nada de adiar alguma atividade por muito tempo. Os brincos de pérola e um anel em cada mão complementam a produção da escritora, que combina a blusa de lã vermelha com um batom da mesma cor. No período que diz ter perdido parte da memória, desde 1992 até pouco tempo atrás, Eunice lembra de estar sempre bem arrumada. Em 1995, quando chegou a Florianópolis depois de visitar algumas rodoviárias, foi contratada para trabalhar como governanta. Até nas horas de trabalho a vaidade a acompanhava. “Podia estar lavando roupa, mas eu não saía do salto”.

A Praça XV por Eunice

“Gostei de ver que estão sendo plantadas mudas de todas as espécies de plantas e flores.

O jardim da Palmeira Real está bonito, só falta limpar a estátua do fundador Jerônimo Coelho, que foi fundada em 1919.

Nas minhas pesquisas os que frequentam a praça comentam que não concordam com o seu fechamento, pois o local pertence ao povo catarinense de gerações a gerações.

Foi comentado que não somente a Figueira é importante, mas também a antiga gruta oficial do Jardim Oliveira, que ficaria belo e interessante se fosse construída ali uma réplica da gruta. Dessa forma, os turistas iriam saber que na praça existia uma linda gruta que a própria natureza construiu com pedras enormes umas em cima das outras.

Seria interessante existir também no local uma bica d’água; o mobiliário era em utilizado em 1907 pelas famílias que faziam piquenique e podiam então beber de sua água cristalina. Seria legal resgatar essa época.

Durante as pesquisas os moradores também comentavam sobre a quantidade de bancos e mesas que tem na praça, pois os aposentados merecem já que virou tradição eles jogarem dominó e canastra para seu lazer”.



De tanto tempo pesquisando nas bibliotecas, Eunice teme “ser esquecida lá dentro”

Lauro Junkes

Literatura catarinense de luto

Com a morte do professor e escritor, Santa Catarina perde voz isolada na crítica literária

Lauro Junkes foi uma das poucas vozes que se levantaram contra a transformação da literatura catarinense em disciplina optativa no curso de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina. Foi uma voz isolada na crítica literária do Estado, nas últimas décadas, embora se ativesse a uma análise mais formal das obras e autores avaliados. Foi também um dos mais ativos dirigentes que passaram pela Academia Catarinense de Letras, entidade que dinamizou, mesmo diante de claras limitações financeiras e operacionais.

Este professor que ficou mais de 30 anos na UFSC e que lia tudo o que se publicava em Santa Catarina, sem nunca desestimular quem se aventurasse pela árdua e exigente arte da escrita, morreu no dia 20 de outubro, após lutar com denodo contra um câncer que contraiu em 2003.

Com ele, morre também um marco da resistência e da valorização da geração mais antiga de autores catarinenses, sem com isso discriminar os novos, que se esgueiram pedindo passagem. Lauro era admirado por esses veteranos, porque tinha por hábito não detrá-los, e construiu um bom conceito entre os mais jovens, que o respeitavam por sua postura e bagagem.

Não menos importante foi sua incursão nos ainda mais velhos – leia-se Virgílio Várzea, Luis Delfino, Horácio Nunes, Maura de Senna

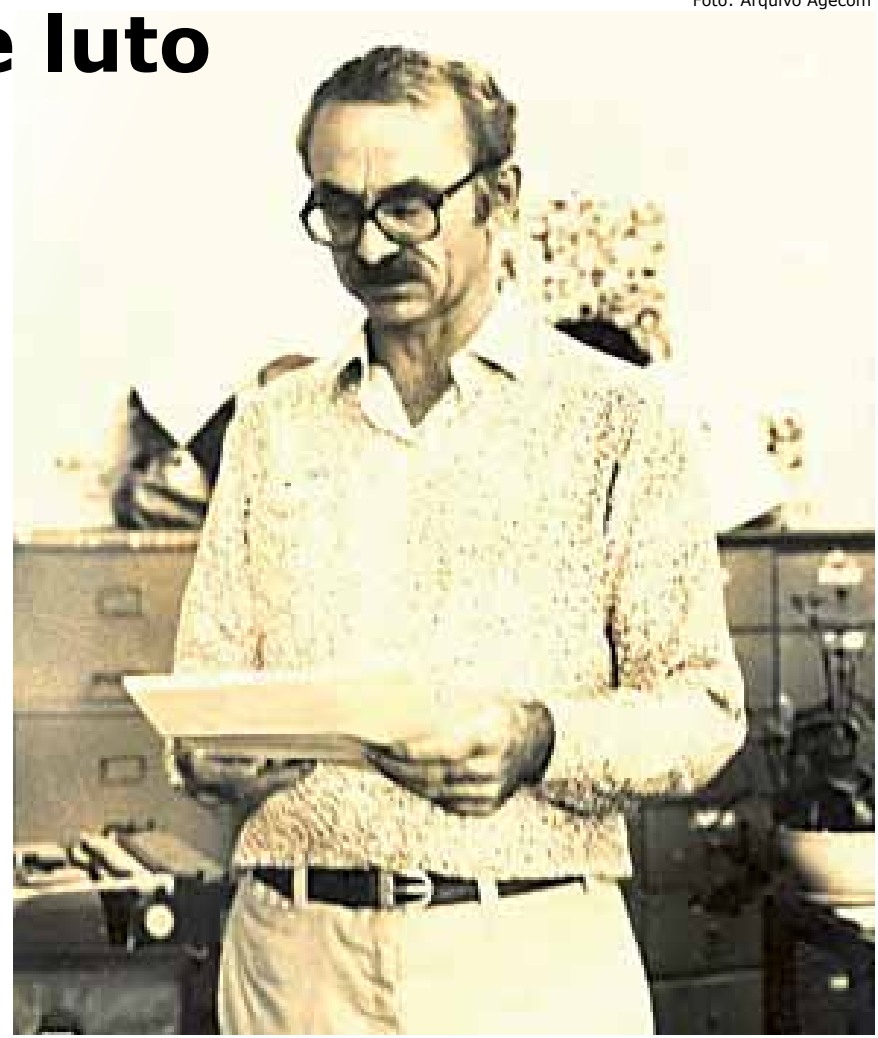
Pereira, Santos Lostada, Delminda Silveira e Araújo Figueiredo, autores cujas obras foram reeditadas sob sua coordenação. Ou seja, era uma enciclopédia eivada de catarinensismo, porque foi aqui que edificou sua carreira.

Obras principais:

- A Narrativa Cinematográfica, 1979
- Presença da Poesia em Santa Catarina, 1980
- Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul, 1983
- O Mito e o Rito – Uma Leitura de Autores Catarinenses, 1987
- A Literatura de Santa Catarina – Síntese Informativa, 1992

Organizou também:

- Poesia Completa de Luís Delfino, 2001
- Contos Completos de Virgílio Várzea, 2003
- Poesia Reunida & Outros Textos, de Maura de Senna Pereira, 2004
- Textos Críticos, de Altino Flores, 2006
- Obra Completa de Cruz e Sousa – Vol.I Poesia e Vol. II Prosa, 2008



Lauro Junkes lia tudo o que se publicava em Santa Catarina, sem nunca desestimular quem se aventurasse pela árdua e exigente arte da escrita

Renato França

A serviço do pluralismo

No Fedro, de Platão, Sócrates distingue a atividade retórica da arte retórica, identificando na primeira um objetivo de persuasão pelo meio do mero artifício das palavras, e, na segunda, a busca da persuasão a partir de referência na essencialidade da realidade e da verdade das coisas. É posto que nesta modernidade tardia a verdade seja plural, como estava posto, no Fedro, que os dois tipos de discursos referidos sejam retóricos. Entretanto, não pode passar por inobservado, que a diferença também estava posta, e que, ainda que plural, continua posta.

Essa, aliás, é a marca por essência que distingue o jornalismo das demais atividades da assim entendida comunicação social: a referência de verdade e de realidade nos fatos, contextos e textos postos a serviço da sociedade. Se no jornalismo factual isso é fundamental, é ainda mais vital no jornalismo institucional, na medida em que se pretenda erigido,

mais do que por eventual verossimilhança, antes, pela credibilidade de suas reflexões, ponderações e conclusões.

Vivi e exercitei isso ao longo de uma experiência de mais de duas décadas de jornalismo, em boa parte dedicada ao jornalismo institucional. Nesta prática, além daquele característico faro de repórter, desenvolvi outro apurado faro, o de reconhecer de pronto a palavra relegada a mero artifício, prevenindo-me, assim, de desnecessários tropeços pelas trilhas da retórica jornalística do vazio; daquele vazio que busca a persuasão a qualquer preço.

E é exatamente isso, essa precaução de percurso no exercício profissional e de zelo pelo saber e pela inteligência do leitor, que vejo como a principal notícia estampada, ou para ser preciso, diluída nas diversas matérias publicadas nas últimas quatro edições do Jornal Universitário. Sem sombra de dúvidas, de verdade, uma excelente notícia, permeada

de verdades todas passíveis, é claro, de questionamento, mas que, para isso, exigem a contraposição de outras verdades, pois estão imunes às artimanhas e aos artifícios da retórica do vazio, e, tampouco, com ela, estabelecem relação dialética.

Essa é a única estratégia editorial institucional passível de credibilidade. Os outros e eventuais desacertos ou equívocos, se é que tenham ocorrido aqui ou ali, sejam gráficos, sejam estéticos, sejam editoriais, podem pontualmente ser corrigidos, readequados. A referência de realidade e de verdade dos fatos não tem rearranjo. Ou está ou não está contemplada.

Nisso a equipe do Jornal Universitário nada não tem a reconsiderar, no máximo, a perseverar, a refinar.

Renato França
Jornalista e Mestre em Teoria Literária/UFSC



Renato França em ação (com o gravador) numa entrevista coletiva: jornalista, crítico e escritor

UFSC reconhece nome social de travestis, transgêneros e transexuais

Demanda da Câmara Municipal de Florianópolis gerou ofício que reconhece identidade de gênero

Murilo Bomfim

Bolsista de Jornalismo na Agecom

O Conselho Universitário da UFSC decidiu que será aceito, na ficha de inscrição do vestibular, o uso do nome social - escolhido por travestis, transexuais ou transgêneros - junto ao nome oficial, exceto em diplomas (que devem ser emitidos em nome civil para o reconhecimento). O parecer enviado ao Conselho, feito pela professora Miriam Pillar Grossi com o apoio do acadêmico Vinicius Kauê Ferreira - ambos do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividade (NIGS) -, destaca que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (Lei 9394/96) é omissa quanto à questão, o que coloca a discussão sob responsabilidade das universidades.

Algumas questões ainda não definidas, como o uso dos banheiros e atitudes junto aos alunos, professores e servidores que já estão na universidade, serão discutidas por uma comissão que será montada especialmente para o assunto. Ainda não há nome, número de participantes e não se sabe se essa comissão terá autonomia nas decisões ou se será necessário o aval de superiores. Os documentos de circulação pública devem conter apenas o nome social para evitar qualquer tipo de constrangimento. O nome civil aparecerá nos papéis internos para que eles tenham caráter oficial (sejam identificados pelo nome que consta na carteira de identidade do aluno, professor ou servidor).

Antes de ser aceito pela UFSC, o

nome social já tinha sido aprovado na Universidade Federal do Amapá (Unifap), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC). Em documento para a comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros), o reitor da UERJ, Ricardo Vieiralves de Castro, diz que "a homofobia, pelas suas consequências na história da humanidade, já demonstrou que sua existência, manutenção e propaganda são destrutivas para a civilização". O Conselho da universidade fluminense criou resolução que classifica os atos discriminatórios como "graves", "muito graves" ou "gravíssimos" e pune os infratores com penas que variam de

suspensões de 15 dias ao desligamento do aluno, professor ou servidor da universidade.

A luta pelo reconhecimento do nome social foi uma das principais reivindicações da 1ª Conferência Nacional LGBT, que aconteceu em junho de 2008, em Brasília, apoiada pela Secretaria de Direitos Humanos e diversos ministérios. A reunião, que discutiu as políticas públicas brasileiras para grupos discriminados, tem impulsionado resoluções que facilitam a convivência de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais na sociedade. "Seguir a demanda do nome social certamente colocará a UFSC em uma posição de vanguarda, especialmente nesse histórico momento de 50 anos da Universidade", afirma Miriam.

Travestis x Transgêneros x Transexuais

Muito se confunde essas três definições, seja pelo fato de que o princípio básico é o mesmo (todas são relativas a pessoas que nasceram com um sexo e se identificam com o gênero "não-correspondente") ou pela semelhança dos prefixos.

Transexuais são aqueles que passaram pela cirurgia de transgenitalização, hoje acessível pelo SUS através de diagnóstico médico e terapêutico de "transtorno de identidade de gênero" ou "disforia de gênero", ou seja, que se submetem a procedimento cirúrgico para mudar de sexo.

Travestis são aqueles que utilizam roupas do gênero oposto para fazer shows e performances sem passar pela cirurgia.

Discriminação no campus

Constantes reclamações de professores, alunos e servidores da universidade mostram que a homofobia está presente no campus. A queixa mais comum é a agressão verbal, mas há também ameaças de agressão física, olhares inibidores e até afirmações fundamentalistas (discriminação baseada em preceitos religiosos).

A partir dessas informações foi criado, em maio desse ano, o Coletivo Social LGBT UFSC. Tendo o acadêmico Ringo

Bez como porta-voz, o grupo realiza reuniões quinzenais e intensa participação virtual por grupo de e-mails. "Nós reconhecemos a existência de travestis na UFSC, mas a reação social impede que eles se assumam. Quando um professor chama o travesti pelo nome civil, por exemplo, gera-se um enorme constrangimento", lamenta Bez. O objetivo do grupo é capacitar a comunidade universitária para que se porte adequadamente em relação ao transgênero. "Uma vez que a universidade aprovou o uso do nome social, deve oferecer recursos para dar apoio. É preciso estimular o respeito aos direitos humanos, a pluralidade e a dignidade para garantir o acesso e a permanência dos alunos. A questão dos banheiros, por exemplo, é fundamental para o bem-estar dos estudantes e servidores em questão", defende.

Com um número médio de 30 alunos de todos os centros por reunião, o grupo pretende solicitar à reitoria um espaço físico para os encontros. "É importante promover esse ambiente onde escutam os queixas de quem sofreu algum tipo de discriminação. Além de aliviar o sofrimento dos que nos procuram, é através desse movimento que conseguimos uma representação visível", justifica o acadêmico, que complementa com alguns casos já expostos: "tivemos notificações de alunos que foram assaltados por um homem que chegou a exhibir a genitália para eles, um professor que questionou as roupas de uma aluna lésbica e acusações do tipo 'você querem dizimar a universidade!'. Alguns colegas já acionaram a polícia do campus, mas os policiais, mal orientados não souberam como tratar o homossexual".

Para participar do Coletivo Social, basta enviar um e-mail para diversidadeufsc@gmail.com. O grupo prepara uma viagem a Campinas para participar do Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual, na Unicamp. Para conseguir uma das 40 vagas no ônibus disponibilizado pela UFSC, entre em contato com Ringo Bez pelo mesmo e-mail.

Mudança de identidade

A importância do nome social para travestis, transgêneros e transexuais se baseia em quatro conceitos: sexo, gênero, identidade de gênero e orientação sexual. Sexo é um termo científico que usa atributos anatômicos, fisiológicos e genéticos para classificar os humanos em duas categorias: macho e fêmea.

No senso comum, seu significado é considerado similar ao de gênero, o conceito desenvolvido nas ciências humanas para designar a definição de feminino e masculino em diferentes culturas. Porém, se pelas diferenças na anatomia é possível distinguir os sexos, estudos comportamentais de homens e mulheres comprovam que não há como atribuir o gênero feminino à fêmea, nem o masculino ao macho. As ações, atitudes e sentimentos nunca são restritos a um tipo de gênero, como sugere, por exemplo, o dizer popular "homem não chora".

É isso que possibilita a mudança da identidade de gênero: o sentimento individual de cada sujeito de se sentir parte de um universo masculino ou feminino, não importando o seu sexo. A identidade também justifica o uso do artigo "a" quando se refere às travestis. "As travestis se identificam com o gênero oposto, por isso o correto é utilizar o artigo feminino, ainda que gramaticalmente essa não seja a regra", explica Miriam.

Essa sensação de pertencer a um gênero é despertada muito precocemente, quando damos nome a um bebê caracterizando-o como menino ou menina. Logo a criança passa a reconhecer sua identidade no meio social e entende o mundo como um modelo binário (macho e fêmea).

Já a orientação sexual diz respeito à atração individual, ao desejo por alguém de certo sexo ou gênero. É nesse contexto que se abrem as classificações heterossexual (quando existe atração por outro sexo/gênero), homossexual (quando se deseja alguém do mesmo sexo/gênero), e bissexual (quando se vivenciam relações afetivo-sexuais com indivíduos de ambos os sexos ou gêneros).

Travestis e transexuais são geralmente classificados como homossexuais por terem nascido com determinado sexo e mostrarem atitudes consideradas como do gênero oposto. No entanto existe a autoidentificação de heterossexuais pelo fato de que, no exemplo dos "homens que se tornaram mulheres", o transexual se sente parte do mundo feminino e tem atração pelo sexo masculino.

Ombudsman

Entre a propaganda e a informação

Um dos méritos e também uma das dificuldades da comunicação institucional é dar visibilidade e fortalecer a imagem de uma instituição. Se a instituição a que se dá visibilidade, como o faz o *Jornal Universitário* em relação à UFSC, é uma universidade, a dificuldade aumenta, já que um dos seus princípios é a pluralidade de ações e posições.

A leitura do *Jornal Universitário* de setembro mostra como a Agecom, através do seu diretor, o jornalista Moacir Loth, trabalha bem, e com mérito, com a questão da pluralidade. Ao dar atenção ao lançamento dos livros com as críticas do cineasta joaçabense Rogério Sganzerla e ao mesmo tempo ao "destino do lixo no campus", para citar duas matérias, o *Jornal Universitário* consegue mostrar a pluralidade de eventos que acontecem ao mesmo tempo na UFSC, todos importantes. O fundamental é que deste modo, diferentes elementos do cotidiano são iluminados, para a própria universidade e para a comunidade externa.

Mas isso nos leva para o que é também uma das dificuldades da comunicação institucional: o limite entre a propaganda e a informação. E talvez aqui esteja uma das principais preocupações do seu editor. A leitura da edição de setembro mostra como o *Jornal Universitário* é generoso, e, por isso, profissional, ao ver e dar visibilidade, com a mesma força, para posições conflitantes. Poderia-se dizer que a mediação do jornalista pode atenuar estes



conflitos mas, em última instância, a pluralidade poderia não ganhar visibilidade. E no *Jornal Universitário* a pluralidade impera, como impera na universidade.

A informação é a melhor propaganda. Esse parece ser o slogan da *Jornal Universitário*. E creio que de todo veículo de comunicação institucional.

Fiquei feliz com o convite para escrever estas linhas, porque a partir da leitura do *Jornal Universitário* de setembro, compreendi a determinação do professor Dilvo Ristoff, Reitor da UFFS, em manter um Boletim Informativo, neste caso semanal, mostrando a pluralidade de ações no campus-sede (Chapelco) e nos demais campi (Erechim, Cerro Largo, Realeza e Laranjeiras do Sul).

Como na leitura de um texto literário, aqui também o encontro com o outro é uma possibilidade de um encontro com nós mesmos.

Valdir Prigol
Professor e Diretor de Comunicação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Salim Miguel empresta nome a concurso de Romance

As inscrições para o Concurso Salim Miguel (Romance), o primeiro na história da Universidade Federal de Santa Catarina, vão até 15 de dezembro. Lançado pela Secretaria de Cultura e Arte e Editora da UFSC, na presença do autor homenageado, o concurso integra as comemorações do aniversário de 50 anos da instituição. A iniciativa responde à ausência atual no Estado de certames nesse gênero, considerado o mais difícil e trabalhoso. "Queremos incentivar autores catarinenses com a publicação da obra vencedora", assinalou a secretária Maria de Lourdes Borges. A categoria romance seguirá nos próximos anos os concursos de conto e poesia.

Os romances concorrentes devem ser inéditos (inclusive em meio eletrônico) e redigidos em língua portuguesa. A obra vencedora será publicada em meados de 2011. Segundo o regulamento, publicado na página da editora (www.editora.ufsc.br), o autor deve ser nascido em Santa Catarina ou residente no Estado há pelo menos três anos. As inscrições devem ser realizadas pessoalmente na secretaria da EdUFSC, no horário comercial, ou enviadas por correio, contando a data de postagem, para

o endereço: Editora da UFSC, Concurso Salim Miguel (Romance), caixa postal 476, Florianópolis, SC, CEP 88010-970.

Ainda conforme o regulamento, o participante deve anexar três cópias impressas do original, contendo na folha de rosto apenas o título da obra e o pseudônimo do autor. No período de 16 de dezembro de 2010 a 31 de março de 2011, uma comissão composta de três membros escolhidos pelo Conselho Editorial da EdUFSC fará a avaliação e seleção dos originais inscritos. Haverá apenas uma obra vencedora, mas a comissão poderá fazer menções honrosas. O resultado do concurso será divulgado na primeira reunião do Conselho, que ocorrerá no mês de abril de 2011, e publicado no site da UFSC e da Editora. O vencedor terá direito a 10% da tiragem da obra ou a 10% sobre a venda dos exemplares.

"Quer fazer por mim, faça agora". Com essa citação bem-humorada ao samba de Nelson Cavaquinho, o escritor Salim Miguel agradeceu a homenagem que relutou a aceitar, por não gostar de honrarias, segundo ele. "Ao ouvir o parecer da minha mulher e o samba me convenci", justificou bem-humorado.



Foto: Paulo Noronha

Servidores técnico-administrativos participaram, em outubro, de capacitação que visava qualificar as ações de inclusão às pessoas com deficiência no ambiente de trabalho.

A atividade consistia em vendar os olhos dos participantes, para que conhecessem os recursos e estímulos utilizados pelos cegos (audição, tato), e assim compreendessem melhor seu dia a dia.

A capacitação encerrou o curso "Pessoas

com deficiência, políticas públicas e organizações de trabalho", que teve 17 participantes. Com debates e atividades teóricas, foi promovido pela Divisão de Inclusão, grupo engajado em criar uma cultura que inclua as pessoas com deficiência na UFSC. Futuramente, será feito o mesmo trabalho com docentes.

Mais informações: adriano@cfh.ufsc.br ou 3721-8609.

Luisa Nucada
Bolsista de Jornalismo na Agecom

JU conquista prêmio de biodiversidade

Jornalista da Agecom, Arley Reis, ganhou o Prêmio Valorização da Biodiversidade de Santa Catarina escrevendo sobre o quadro florestal catarinense e as pesquisas em desenvolvimento nesta área

A jornalista Arley Reis, da equipe da Agência de Comunicação (Agecom) da UFSC, ganhou o Prêmio Valorização da Biodiversidade de Santa Catarina, criado pela Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado (Fapesc). Ela concorreu com uma reportagem sobre o atual quadro florestal catarinense e os projetos que vêm sendo desenvolvidos no sentido de mapear as espécies mais importantes, aquelas que estão ameaçadas e as tentativas de recuperação de áreas desmatadas. Além de jornalistas, havia prêmios para alunos de pós-graduação, professores e pesquisadores que tenham publicado artigos científicos sobre a biodiversidade em Santa Catarina.

A reportagem, publicada no *Jornal Universitário*, faz um histórico da preservação das florestas no Estado, que começou com as viagens do padre Raulino Reitz, a partir da década de 50, coletando 75 mil plantas, descrevendo cinco gêneros e 327 espécies até então desconhecidas pela ciência. Ao mesmo tempo, a matéria mostra como a parceria entre universidades, ONGs, associações de agricultores e órgãos governamentais vem permitindo a disseminação de conhecimento sobre o tema e o planejamento de ações de conservação e recuperação florestal em SC.

A Fapesc destinará R\$ 3,8 milhões, nos próximos anos, para a pesquisa sobre a biodiversidade, dividindo essa responsabilidade entre sete universidades e a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri). Além das florestas, os estudos vão contemplar a vida marinha do litoral, os peixes da Lagoa do Peri, orquídeas da Ilha de Santa Catarina, a vida nos costões rochosos da Baía de Babitonga e nos banhados do Planalto Catarinense. Também espécies como o pinhão, a goiabeira-serrana, o péssago, a ameixa e a nectarina serão objeto das pesquisas incluídas no programa.

A reportagem de Arley Reis se detém também na análise da situação da bracinga, uma espécie com grande peso na economia de várias regiões do Estado. A partir de estudos realizados nos municípios de Matos Costa e Calmon, onde os moradores de assentamentos cultivam a bracinga pensando nos ganhos que ela proporcionará no futuro, a jornalista mostra como os métodos tradicionais de manejo ajudam a recuperar as florestas nativas, mesmo utilizando o replantio como prática em áreas desflorestadas.





Impasse denuncia a repressão às manifestações ocorridas em maio e junho de 2010 contra o aumento da tarifa do transporte coletivo

Foto: Jorge Minella

Estudantes lotam a sessão de estreia de Impasse

Exibição do esperado documentário sobre o movimento do passe livre em Florianópolis levou mais de 700 pessoas ao Auditório da Reitoria, que vibraram como a torcida de um estádio de futebol

Cerca de 700 pessoas compareceram ao lançamento do documentário *Impasse*, no dia 16 de setembro, no auditório da Reitoria. Mais da metade do público ficou do lado de fora, no hall, assistindo por um telão. Segundo o técnico de som e imagem da UFSC, Joel Cordeiro Filho, o evento bateu recorde de público no local. Pessoas ficaram sentadas nos corredores, em cima de mesas improvisadas, aglomeradas nas portas.

Foram 80 minutos de comoção. *Impasse*, dirigido pelos jornalistas Juliana Kroeger e Fernando Evangelista, trata das manifestações ocorridas em maio e junho deste ano contra o aumento da tarifa do transporte coletivo. Além de entrevistar estudantes e policiais, protagonistas dos atos de rua, foram entrevistados também empresários, usuários e especialistas do transporte.

A plateia riu, gritou, aplaudiu e ficou chocada com muitas

cenas e depoimentos, com destaque para os flagrantes de violência policial e para as afirmações do Secretário de Segurança Pública do Estado. Ele justificou o uso da arma taser (armas de choque) em movimentos sociais e disse que a polícia militar entrou na Udesc para pegar pessoas que cometeram crimes, mas sem especificar quais crimes seriam estes.

O jornalista Cacau Menezes, em sua coluna no *Diário Catarinense*, relatou que "a plateia reagia a cada cena como se fosse um jogo de futebol". E, de fato, quase ninguém parece ter ficado indiferente assistindo ao documentário, que tem cenas inesquecíveis, como a de um morador de rua que pega o megafone no final de uma das manifestações e canta *No Woman No Cry*, música de Bob Marley, sendo acompanhado por dezenas de estudantes.

Para o jornalista e sambista Artur de Bem, presente no lançamento, "*Impasse* apresenta cenas raras, com um im-

pacto violento, algo que nunca havia sido mostrado em lugar nenhum". O estudante de geografia Victor Khaled, integrante da Frente de Luta pelo Transporte Público, escreveu no *Passa Palavra*, site luso-brasileiro, que "o filme é simplesmente fantástico, é engraçado, muito informativo, sério, bem feito e empolgante. Tudo muito mágico e emocionante". Logo após a exibição, sem ter sido planejado, centenas de estudantes saíram em passeata pela Avenida Beira-Mar Norte.

"O mais gratificante da produção", afirma a diretora Juliana Kroeger, "foi ter trabalhado com uma equipe muito talentosa e dedicada". Quase todos os integrantes do documentário são estudantes da UFSC e da Faculdade Estácio de Sá. *Impasse*, que teve o apoio de 16 entidades, entre elas a Secretária de Cultura e Arte da UFSC (SeCArte), está sendo vendido a R\$15 no Diretório Central dos Estudantes (DCE). Mais informações no site www.impasse.com.br

Foto: Juliana Kroeger



Foto: Ivanir França



Foto: Juliana Kroeger



O videodocumentário traz entrevistas com estudantes e policiais, protagonistas dos atos de rua, e também empresários, usuários e especialistas do transporte